2.º Anno — Lisboa, 12 de Abril de 1886 — Numero 39

# A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA



## SUMMARIO



## CHRONICA

Deixemos em socego a Patti, que já tem sido sobejamente discutida n'estes nossos cavacos semanaes, e vejamos se houve, durante a semana extincta, alguns factos com direito a registro especial na Chronica, além da *Traviata* pela *diva*, que não conseguimos ouvir, e da chegada do abril formoso, que ainda não podémos saudar em regra, de ramilhete florido na lapella do frack.

Se a nossa memoria nos não atraiçôa, os factos abundaram. Houve-os de toda a especie, comicos e tragicos, serios e burlescos, tristes e alegres, dos que convidam a rir e a pensar, dos que indusem á meditação e á gargalhada.

Em primeiro logar, exerceu-se a mãos largas a Caridade, n'uns concertos espalhafatosos e attrahentes, n'umas *matinées* litterario-musicaes, das

O GENERAL D. PORPHIRIO DIAZ

que por ahi andam agora em voga, com exhibição barata de cantores illustres e de actrizes famosas.

Toda a gente apanhou a sua *matinée*, todos tiveram o seu concertosinho beneficiador, raparigas abandonadas, artistas enfermos, estudantes pobres, creanças sem amparo. Para tudo chegou a generosidade do publico e o espirito caritativo dos concertistas benemeritos.

Para tudo, não dizemos bem: houve uma excepção odienta, uma só, e essa veio ferir em pleno peito a imprensa de Lisboa, para quem taes excepções não deviam abrir-se nunca.

Raras vezes o jornalismo portuguez estende a mão á Caridade para soccorrer um dos seus membros cahido na desgraça. Se o faz, é muito de longe em longe, em circumstancias verdadeiramente excepcionaes, quando o seu proprio obulo não chega para melhorar a sorte do camarada necessitado e afflicto, quando as suas forças não bastam para arrancar aos abysmos da miseria horrenda o companheiro que ali se afundára.

Ultimamente, a desgraça impiedosa e crudelissima bateu á porta d'um trabalhador infatigavel, d'um romancista imaginoso e fecundo, d'um escriptor popular de grande merito:—Leite Bastos.

A penna, que era o seu ganha-pão e a sua enxada, cahiu-lhe das mãos tremulas; o espirito, atrophiado pela doença, não poude produzir mais; o cerebro foi pouco a pouco perdendo o vigor que o alentava nas locubrações de todos os dias, até cahir n'um estado de impotencia profunda e completa. Depois, veio a fome, o desespero, a miseria negra e triste, a necessidade imperiosa d'um cordial que lhe acalmasse as ardencias da febre, d'um soccorro immediato que chamasse á vida aquelle organismo depauperado e quasi moribundo.

Foi n'esse momento solemne que a imprensa de Lisboa entendeu dever appellar para a Caridade publica. Os que viam mais de perto a grandeza d'aquelle infortunio esmagador, fôram os primeiros a dar a voz d'alarma; juntaram-se-lhes outros e outros na obra meritoria, e decidio-se pedir á Arte, prodigamente dispendida em dezenas de festas caridosas anteriores, que tivesse compaixão d'um misero obreiro das lettras fulminado pela desgraça.

Seria pedir muito? Não.

Ainda não ha longos mezes que a imprensa, essa «mãos-rotas» de beneficencia, se condoera d'um grande artista moribundo—José Carlos dos Santos—e mitigára a enormissima dor da sua ultima agonia com o balsamo d'uma esmola avultada, que, se não poude servir para lhe dilatar a vida quasi extincta de todo, servio ao menos para lhe comprar a mortalha e para lhe testemunhar eloquentemente, na derradeira hora, que a generosidade do jornalismo não é uma palavra van.

De resto, os promotores d'aquella festa, como todos os outros seus camaradas na imprensa periodica, desentranham-se ahi, quotidianamente, em elogios á Arte, mentindo muitas vezes á sua consciencia, no generoso intuito de proteger artistas necessitados e emprezas periclitantes, que morreriam de fome sem o esteio d'aquella instituição nobilissima. Não era, portanto, pedir muito, não; era solicitar o pagamento d'uma divida sagrada; era exigir, com grande copia de direitos, a troca de serviços valiosos, prestados *au jour le jour*.

Pois sabem o que fez a Arte nacional e a que vem lá de fóra, buscar aqui os seus pergaminhos nobiliarios, os seus diplomas de merito? Recusou-se, com rarissimas excepções. A Patti, por exemplo, a divina Patti, que tem na sua garganta thesouros inestimaves e na sua bagagem brilhantes aos milhares, não se dignou conceder a um membro da imprensa, enfermo e pobre, a decima millionesima parte do que essa imprensa lhe tem feito ganhar. Procurada pelos jornalistas que a applaudem, offerecendo-lhe flores e preparando-lhe apotheoses, a orgulhosa *estrella* mandou recebel-os pelo seu *imprezario* Schurmann no patamar d'uma escada, como se recebem os pedintes annonymos, e respondeu que não cantava de graça!

No entanto, as rosas continuam a desfolhar-se na passagem ovante da formosa *diva*; Schurmann, o judeu parisiense, vae adornar a botoeira da casaca com o habito de Christo; a festa caritativa iniciada pelos jornalistas não se realisou, á mingua de elementos, e Leite Bastos, o misero trabalhador invalido, morre de fome!...

Acabâmos de narrar um facto da semana, que passou despercebido á reportagem indigena, e que morreria envolto nas sombras do mysterio, se a Chronica não viesse aqui evidencial-o a toda a luz da publicidade, registrando a desconsideração ultrajosa e protestando contra ella abertamente, com a rudeza provinciana de quem não anda acostumado a beijar, n'uma attitude servil e baixa, a mão que a esbofeteou.

Outros acontecimentos houve ainda, como já dissemos *ab initio*, mas esses foram logo sabidos por toda a gente, mal se desenrolaram, deixando atraz de si um longo rastro de interjeições e de commentarios.

Encerrou-se o parlamento. Proceres venerandos e deputados rhetoricos foram-se a repousar muito socegadamente nos seus penates, depois de cumprida a honrosa terefa legislativa, que os trouxera ao seio castissimo da representação nacional. A provincia agradecida vae, finalmente, receber nos seus braços robustos, ao som das fanfarras jubilosas o padre Luiz José Dias, *desligado* das mundanidades prevertedoras.

Antes de se partirem, paes da patria e senadores, sem distincção de corrilhos e de parcialidades politicas, fizeram tudo quanto o governo lhes ordenou que fizessem. Depois de os ver pelas costas, esse governo reconhecido bate-lhes com os pratos na cara, e applaude phreneticamente o desmoronamento da sacra familia parlamentar.

Emquanto o *dilettantismo* lisboeta se preparava para ouvir a Patti na *Carmen* de Bizet, annunciada aos quatro ventos pelos arautos do noticiario, outra *Carmen*, menos espectaculosa, talvez, mas muito mais realista, desenrolava-se aos olhos do nosso publico assombrado, deixando um rastro de sangue na rua de Santo Antonio, á Estrella.

É' conhecida a historia do tragico successo. Um D. José, incarnado na pessoa de Francisco Gonçalves de Faria, porteiro do hotel Bragança, vivia maritalmente com uma Carmensita garrida, Adelaide Candida Marques, que lhe dera dois filhos e a doce embriaguez dos seus encantos fascinadores.

Passaram tempos. Como succede as mais das vezes, houve um Escamillo tentador, que teve invejas d'aquella felicidade, e que raptou a formosa Carmen ás ternuras do primitivo amante. O ciume encarregou-se de preparar o desenlace da tragedia.

—Vem de novo para junto de mim, ou mato-te! bradou o D. José ciumento, com a cabeça desvairada e o olhar chammejante.

—Não vou, respondeu a Carmen esquiva e ingrata, arremessando-lhe ás faces uma pequenina alliança de ouro, que recordava os seus esponsaes d'amor.

—*Per la ultima volta, Carmen!* tornou elle, e a descaroada amante não se moveu.

Ouviram-se seis detonações de revolver. A Carmensita cahio morta, o D. José foi entregue á justiça, e o *outro*, o Escamillo satanico, ficou-se a rir.

*Tableau!*

C. D.

# AS COLONIAS NO TEMPO DE D. MIGUEL

A historia portugueza, occupada quasi sempre do que se passa no continente, abandona de todo a nossa existencia colonial, que se prende comtudo intimamente com a sorte do paiz, e onde muitas vezes se vae encontrar um reflexo dos acontecimentos da Europa, que muito contribue para melhor nol-os fazer comprehender.

A historia das nossas colonias durante o periodo do governo miguelista é pouquissimo conhecida. Vamos tentar esboçal-a o mais rapidamente possivel.

Em Cabo Verde estava governando desde 1826 Caetano Procopio Godinho de Vasconcellos, quando recebeu a noticia da proclamação da realeza de D. Miguel. Se ainda durasse o governo do honrado liberal João de Mattos Chapuzet, talvez as coisas não se tivessem passado como se passaram depois, mas Godinho de Vasconcellos acceitou perfeitamente a nova situação do paiz.

Foi n'este periodo que os Francezes e os Inglezes trataram de aproveitar as nossas discordias internas para se apoderarem dos nossos territorios. Os Francezes assenhorearam-se tranquillamente da foz do Casamansa, o governador da colonia ingleza de Gambia, Findlay, tratou de se assenhorear da ilha de Bolama, dando assim origem á famosa questão, que o governo dos Estados-Unidos, escolhido para arbitro, resolveu a nosso favor, ganhando com isso o titulo de marquez de Bolama o diplomata portuguez, conde de Avila, que foi quem dirigiu as negociações.

Participaram-se estes factos para Lisboa, mas o governo de D. Miguel tinha outras coisas em que pensar, e só em 1830 é que se tomaram algumas providencias e se deram algumas authorisações. Foi então que se contratou com o regulo de Bolor a venda do terreno, onde se erigio o presidio d'esse nome; foi então que o negociante Nosolini, cujos parentes vivem ainda hoje na Guiné, sendo um d'elles capitão dos portos da provincia, se estabeleceu na ilha de Bolama, tendo os Inglezes a audacia de considerar esse facto como uma usurpação.

A Guiné estava comtudo por tal forma separada do resto da monarchia, que o 1.º tenente Lopes de Lima, segundo elle proprio conta no seu celebre livro, proclamou com toda a tranquillidade a Rainha e a Carta no presidio de Bolor. Mal sabiam a esse tempo os heroes da ilha Terceira que tinham já colonias. Em 1831 o reino de D. Maria II constava da ilha Terceira e de Bolor!

Entretanto, Godinho de Vasconcellos governava tranquillamente o archipelago de Cabo-Verde, e em 1834 recebia a um tempo a noticia da queda do governo miguelista, da sua demissão, e da reorganisação da administração do Ultramar, cujas provincias passavam a ser administradas civilmente por prefeitos. O prefeito nomeado para Cabo-Verde era Manoel Antonio Martins, que residia no archipelago, onde exercia o logar de administrador geral da urzella, o mesmo prestante cidadão que avisára o governo das invasões francezas no Casamansa.

Manoel Antonio Martins, que sabia quaes eram os pessimos elementos. de que se compunha a força publica na provincia, pediu para Lisboa que lhe mandassem um batalhão de tropas européas. Foi uma desastrosa idéa. O governo constitucional organisou um batalhão com os soldados do exercito de D. Miguel, convencionados em Evora-Monte, mas parece que escolheu os peiores, porque o batalhão, apenas chegou á ilha de S. Thiago, revoltou-se, assassinou no cemiterio da Villa da Praia os seus officiaes, escapando apenas tres alferes, e poz a saque a povoação. Foi uma epoca de terror para os habitantes. Os insurgentes, senhores da villa, proclamaram D. Miguel. Foi necessario que a população pegasse em armas e contivesse os revoltosos. Entretanto o governo, vendo o mau resultado que em toda a parte davam os prefeitos, mandou a toda a pressa para Cabo-Verde um illustrado official, Joaquim Pereira Marinho, que pôde a custo, e por meios severos, restabelecer a ordem.

Nas ilhas de S. Thomé e Principe governou João Maria Xavier de Brito, e durante dois annos estiveram essas duas ilhas completamente esquecidas pelo governo de D. Miguel. Em 1830 porém, appareceu na ilha o capitão-tenente Joaquim Bento da Fonseca, encarregado de proclamar a realeza de D. Miguel. Este governador pertencia á raça dos Telles Jordões, e dos outros sicarios, cujas violencias deshonravam o regimen que serviam, e o governo de que eram delegados. Taes prepotencias commetteu, que apenas chegou em 1834 á ilha de S. Thomé a noticia da restauração da Carta, a população da ilha não esperou que o novo governo nomeasse novo governador, prendeu immediatamente Joaquim Bento da Fonseca, proclamou uma junta provisoria, que mandou preso para Lisboa o delegado do governo de D. Miguel. Mandado responder a conselho de guerra, foi por este condemnado, no dia 17 de septembro de 1835, a degredo perpetuo pelos roubos e prepotencias que commettera.

Quando D. Miguel deu em Lisboa o seu golpe de Estado, estava governando a provincia de Angola Nicolau de Abreu Castello Branco. Recebendo a noticia, não hesitou em proclamar o novo governo, e em seu nome ficou administrando a provincia, até que em 1829 chegou de Lisboa, para o render, o barão de Santa Comba Dão.

Bem longe de se parecer com o governador de S. Thomé e Principe, o barão de Santa Comba Dão era um homem moderado, que não fez perseguições, e que procurou apenas administrar o melhor que pôde. Infelizmente porém, atravessava uma crise terrivel a provincia; nunca tinham chegado as finanças angolenses a tão misero estado. O barão de Santa Comba Dão fez todos os esforços para continuar as obras do seu antecessor, que tivera uma illustradissima iniciativa, e deu o impulso que pôde á cultura do café.

Quando a 25 de junho de 1834 chegou a Loanda a noticia de estar estabelecido em Lisboa o governo de D. Maria II e a Carta Constitucional, o barão de Santa Comba Dão entregou sem resistencia o governo, e deixou que a junta provisoria, que logo se organisou, composta do governador do bispado, do ouvidor interino Leonardo José Villela, e dos cidadãos Candido Francisco da Silva e Innocencio Mattoso de Andrade Camara, proclamasse a Carta Constitucional.

Em 1836 chegou o novo governador, nomeado pelo ministerio constitucional; era um irmão do duque de Saldanha.

Em 1828 governava Moçambique o illustre escriptor Sebastião José Botelho. O governo miguelista nomeou para o substituir Paulo José Miguel de Brito. Era um ardente absolutista, mas homem illustrado, que fez algumas obras uteis e dignas de louvor. Comtudo, má sorte perseguia as nossas colonias no tempo de D. Miguel. Na Guiné invadiam os Francezes e os Inglezes o nosso territorio; em Cabo Verde houve uma fome espantosa; em S. Thomé o governador opprimio escandalosamente os habitantes; em Angola atravessou-se uma grave crise economica; em Moçambique houve fome tambem.

Paulo José Miguel de Brito morreu em 1832, sendo substituido por uma junta governativa composta do prelado Fr. Antonio José da Maia, do ouvidor-geral Joaquim Xavier Diniz da Costa, e do coronel de milicias de Manica, Francisco Henriques Ferrão. Apenas chegou porém, a 10 de março de 1834, a noticia do estabelecimento do governo liberal em Lisboa, a junta foi deposta immediatamente, o que não era difficil, porque já Paulo de Brito se queixava para a côrte de que eram liberaes todos os officiaes da guarnição de Moçambique. A nova junta, que se nomeou, egualmente presidida pelo prelado, compunha-se, além d'isso, do thesoureiro geral da junta, Adolpho José Pinto de Magalhães, do tenente coronel Theodorico José Abranches, do major Francisco da Costa Xavier Ferreira Nobre, e do cidadão João Alexandre de Almeida. O primeiro governador nomeado pelo governo de D. Maria II, foi José Gregorio Pegado.

A India foi governada durante esse periodo todo pelo seu ultimo vice-rei, D. Manuel de Portugal e Castro. Nunca houve governador mais accommodaticio. Nomeára-o D. João VI; quando recebeu a noticia da proclamação da Carta em 1826, proclamou a Carta; sabendo officialmente que fôra derrubado o governo da Carta pelo golpe de Estado de D. Miguel, e que este fôra acclamado rei, tratou immediatamente de acclamar D. Miguel; quando em 1834 soube que fôra derrubado o governo de D. Miguel, e restaurada D. Maria II com a Carta Constitucional, proclamou D. Maria II, e continuou a governar a India até entregar o governo ao prefeito Bernardo Peres da Silva, no dia 14 de janeiro de 1835.

Esses nove annos de administração foram quasi exclusivamente occupados com a creação da cidade de Pangim, e debaixo do governo sensato e pacifico de D. Manuel de Portugal foi a India a unica parte do territorio portuguez, onde se não sentiu de qualquer modo, n'esse periodo, a repercussão das agitações da metropole.

Em Macau tudo correu pacificamente. Estava governando uma junta composta do governador do bispado, do ouvidor Pires da Costa, e do tenente-coronel Dyonisio de Mello Sampaio, quando se proclamou o governo de D. Miguel. A 7 de julho de 1829 appareceu em Macau o novo governador, João Cabral de Estefique, substituido a 7 de julho de 1833 por Bernardo José de Sousa Soares de Andréa. A 2 de maio de 1834 chegou a noticia da entrada em Lisboa do governo constitucional. Logo Soares de Andréa, acompanhado pelo senado, o proclamou solemnemente.

Eis a resumida historia das colonias portuguezas no periodo convulso a que nos temos referido.

PINHEIRO CHAGAS.

## COMPARAÇÃO

Eu imagino a violeta,
Sempre de roxo vestida,
Deitando frescos aromas
Em verde manto escondida,

Qual orphãsinha modesta,
Da tristeza pura essencia,
Exalando, sempre occulta,
Os aromas da innocencia.

ROBINSON.

# AS POETISAS DO CANCIONEIRO GERAL

**D. Filippa d'Almada. — D. Joanna de Mendonça. — D. Maria de Bobadilha. — D. Mecia Henriques, e outras.**

(1470—1554)

São poucas em numero, e acanhadas de merecimento as rimadoras do «Cancioneiro Geral» venerando monumento da bibliographia nacional, mas com certeza duvidoso repositorio de bellezas poeticas.

O visconde de Castilho, na noticia que escreveu da «Vida e obras de Garcia de Rezende», e com que fechou os volumes VIII —IX—e X da «Livraria Classica Portugueza», disse: «Substancia poetica (valha a verdade) pouca se espreme do corpulento volume do Cancioneiro; quasi nenhuma fôra espressão mais acertada. Em nosso entender, não ha em todo elle cousa que mereça ser posta a par do «Fingimento de Amores; e das «Trovas á morte de D. Ignez de Castro.»

Com effeito, assim é. N'aquelles ingenuos e arredados tempos, em que o poetar era tido por «boa manha», quasi todos os titulares e fidalgos do reino pegavam na penna com a mesma mão com que puchavam da espada, e faziam versos ás suas damas, não direi com elegancia, mas com a abundancia de requerentes, e a timidez de curiosos no officio.

Quem lêr pela primeira vez o indice, ou «tavoada de todalas cousas que estam no lyuro», cuidará que não de versos se trata, mas antes das arvores de costado das familias illustres do reino no tempo de D. João II e de D. Manuel; tantos sam os condes e altos dignatarios da côrte que figuram no «Cancioneiro» com exclusão quasi systematica dos poetas, que os devêra haver no tempo, de menos nobilitada extracção.

Não é aqui logar apropriado para dissertações bibliographicas, aliás já feitas por pessoa competentissima (a). O que nos cumpre, é dizer, por entrar no plano d'estes artigos, qual a valia litteraria do «Cancioneiro Geral» e n'elle qual o papel que as poetisas representaram, chamadas a capitulo pelo moço de estrevaninha de D. João II, benemerito collector do Cancioneiro que tomou o seu nome.

Pelo que respeita á apreciação litteraria do «Cancioneiro» encontra-se ella feita, e bem feita, por Castilho, que depois de exceptuar por mais cultas as «Trovas á morte de D. Ignez de Castro», e as que se intitulam: «Fingimento de Amores» e acceitar a divisão natural das materias de que o livro se compõe, já implicitamente indicadas por Garcia de Rezende no indice geral do «Cancioneiro» accrescenta: «As trovas «religiosas» são frias desinxabidas. As «namoradas» teem geralmente a mesma pecha, o que poderá provir de terem quasi a mesma indole. Se os versos de amor peccavam (como defeito) por incolhidos, abstrusos e glaciaes (até da penna de Camões taes sohiam a sair), os versos «satyricos» eram pelo contrario de uma soltura e protervia que maravilham! não se limitaram nas rapreensões geraes, ou censura dos costumes, ridiculos ou viciosos. Eram verdadeiros fescininos: eram jambos de Archiloco refinados; eram estocadas de varar até ás costas, e catanadas de abrir em dois até aos arções: iam os nomes entendidamente; iam pelo claro as baldas publicas e as secretas; até os defeitos involuntarios, os do corpo e os de geração; e isto tão sem resguardo nos termos, que até as obscenidades se despejavam com um desembaraço digno de Catullo, Marcial, ou Beranger. «As trovas «jocosas», finalmente, sem terem esta vantagem (a de darem idéa dos costumes da epoca) tem aquella desvantagem dos satyricos: as graças, que são attributo de linguagem, variam com ella, e mais depressa do que ella muitas vezes.»

Aqui fica em poucas palavras julgado o «Cancioneiro Geral» pelo que vale litterariamente, sendo esta por fim a sentença final do imparcial julgador: «Longe estamos de querer inferir que faltem no «Cancioneiro», amostras de boa fazenda, nos quatro generos indicados. Limitamo-nos em affirmar que são raras e escassas; por onde é livro que ninguem devoraria inteiro, e que ainda distillado em tão pequena gotta, ninguem, que não seja dos applicadissimos a estudos, tomará em muita satisfação.»

Nós não nos fazemos cargo das tres divisões do Cancioneiro Geral» religiosas, satyricas, e simplesmente «jocosas», apenas das namoradas nos occuparemos, por ser n'esta corda exclusiva que tocam as rimadoras, (chamar-lhes poetisas seria um ultraje á verdade,) que por conta propria, ou chamadas á contenda por outros, disseram em [illegible] curtas o que sentiam, e pensavam sendo-lhes mais proveitoso, como a tantas outras mulheres que figuram no «Cancioneiro» terem-se deixado ficar simples musas dos condes de Vimioso e de Borba, de D, João de Menezes, e mais choramigas, que fizeram um val de lagrimas do livro de Garcia de Rezende.

(a) Vide «Diccionario Bibliographico» de Innocencio Francisco da Silva.

A primeira das rimadoras com que no Cancioneiro se depara é com D. Filippa d'Almada, respondendo á pergunta de um certo D. Alvaro Barreto, assim formulada:

> D'estes aqui nomeados
> E d'outros que te não digo
> M'escreve, como amigo
> Em que são mais ocupados.
> Isto mesmo das mulheres,
> Que sei que te será viço
> E do mais que lá souberes
> Se m'o cá saber fizeres
> Far-m'us prazer e serviço.

D. FILIPPA.

> Respondo o que perguntastes
> Como estavam as donzellas,
> E digo que todas ellas
> Estâm quaes as vos deixastes;
> Se não qu'estam saudosas,
> Dizem: que nellas amastes
> Pois tão curto perguntastes
> Por ellas, tanto formosas. (b)

Parece-me estar já d'aqui ouvindo a mais modesta, entre as mais modestas collaboradoras do *Almanach das Senhoras*, dizendo: melhor do que isso faço eu, sem me ter na conta de um engenho previlegiado. Tem rasão a revoltosa, mas o que quer que eu lhe faça?

Se Castilho já andou por estes carreiros sem achar mais do que duas flôres silvestres, para voltar com ellas enfeitado da romaria, como me hei de eu metter a desbravar baldios, e a arroteal-os por minha conta e risco?

Como foi a parte amorosa de «Cancioneiro» a escolhida por mim, para apresentar em publico as collaboradoras do «Cancioneiro», antes de ir adiante transcreverei o que do amor dos seus poetas disse Castilho, por suspeitar que a maioria das minhas leitoras m'o agradecerá, sentindo que tão bons tempos não voltem, e que o affecto dos homens por ellas, ande hoje confiado á descripção de uma estampilha, ou mais prosaicamente ainda, assoalhada com fraudulentas iniciaes, nos annuncios anti-grammaticaes do «*Diario de Noticias*.»

Deixarei fallar ainda Castilho, conhecedor d'estes negocios, como traductor esmerado que foi de Ovidio, o mais previsto dos bedeis em subtilesas amorosas.

«O amor, (diz Castilho) ao menos o dos poetas, era n'aquella edade, e continuou ainda a ser, por muito tempo, uma especie de idolatria, uma applicação da theologia ascetica ao profano; umas jaculatorias continuas da alma, descarnada do corpo, uma renunciação absoluta da propria vontade, um reconhecimento de vassalagem perpetua e incondicionada, uma irriquieta aspiração á graça da divindade, que se tinha sobre a terra, e, ao mesmo tempo uma conformidade de arte de Job com os seus rigores. Em summa, que os tres livros da arte de amar, estavam cyphrados nos actos de fé, esperança e caridade, tendo por unico supplemento o de contricção e attrição. Não admira: eram tempos em que a religiosidade prevalecia, em que as damas se enthesouravam longe dos olhos como joias, que em verdade são (mas para diverso uso), e em que os homens mantinham no viver e nas idéas muito da cavallaria, que, para devéras o ser, se não podia dispensar nunca de mostrar-se generosa, paciente, dedicada e embebida de magnanissima confiança. Já se vê, que era um amor muito admiravel: mas vê-se já tambem que havia de ser por sua natureza muito insipido, a quem o ouvisse; e ás que de objecto lhe serviam puderamos apostar que muito mais.«

Como, porém, nao ha regra sem excepção, no proprio «Cancioneiro» apparece um tal Jorge d'Aguiar (c) com uma satyra contra as mulheres, que principia:

> Esforça meu coração,
> Não te mates se quizeres:
> Lembra-te que são mulheres.

Estribilho que o poeta desenvolve em sextinas, e termina com esta, que de certo lhe não grangeou as boas graças das suas contemporaneas:

(b) A quem destoar completamente a leitura d'estes versos, saiba o que diz Castilho a tal respeito, na já citata «*Noticia da vida e obras de Garcia de Rezende*, e é como se segue:

«Bôa quantia diz seus versos (os do «Cancioneiro»,) lidos á nossa moda e indisputavelmente errada, e deixa de o ser, logo que, pela repetição de casos identicos, ou analogos, chegamos a descobrir e a averiguar certos geitos da pronuncia dos antigos.» Seguem-se os exemplos, que com effeito confirmam a affirmativa de Castilho.

(c) Jorge de Aguiar foi cavalleiro da Ordem Militar de S. Thiago de Espada, e Alcaide Mór da Villa de Monforte. Falleceu em 1588. José Maria da Costa e Silva, no «Ensaio Biographico—Critico» diz: *que este poeta se distinguio pela força das idéas, perfeição metrica, e sobretudo pela brevidade das suas composições, merito raro nos escriptores do seu tempo.*»

Hespanha foi já perdida
Por la-Tabla uma vez,
E a Troya destroida
Por males que Helena fez
Desabafa coração,
Vive. não te desesperes,
E a que fez peccar Adão
Foi a mãe d'estas mulheres.

Agora, que sabemos como se amava no fim do seculo XV, e no principio do seculo XVI, e que tambem não ignorâmos como mordiam os despeitados, (vou-me servir da edicção allemã de Kausler, de 1846) voltemos a procurar no «Cancioneiro» vestigios da poesia feminina, e lá toparemos no primeiro tomo com os motes dados a glosar a Duarte de Brito, nada menos que por uma duzia de delambidas, precursoras das freiras de Chelas e de Odivellas, de erotica memoria.

O modo por que o poeta se tirou de apuros, ficou tão áquem da galhardia em que devêra honrar-se quem assim fôra provocado por aquelle enxame de vespas, que me nego a reproduzir-lhe as lamurias, deixando-lhe inteira a culpa de as havor provocado, antes de ser chamado a terreno pelas doze grulhas, cujos nomes Garcia de Rezende nos conservou, para castigo d'ellas e expiação dos peccados de Duarte de Brito.

Caminhando sempre atravez do «Cancioneiro,» encontra-se de novo D. Filippa d'Almada, dizendo:

O que recobrar não posso
Mundo de ordem desegual,
Faz que não desejo vosso
Bem, nem quero vosso mal.

COMO AS CHINEZAS SE DIVERTEM

Que vossos tristes amores
Me darem vida captiva.
Peza-me que o mal vosso
Já cuidei de não ser mal:
Praz-me, por que sei e posso
Crêr agora de vós tal.

Se esta algaravia de D. Filippa tem traducção, o que não juro, parece que procurava descartar-se d'algum impertinente amador, que ella julgava já curado de todo, e de novo voltava á carga, teima não rara nos homens, assim as mulheres n'este ponto estivessem dispostas a imital-os, o que me não parece.

A verdade, porém, é que nem todas as mulheres são esquivas, como a auctora das coplas que citâmos. Ahi vae a prova. Um certo D. Diogo, que não vale apena quebrar a cabeça para saber quem elle foi, lembrou-se um dia de dedicar umas trovas suas a D. Beatriz de Vilhena, a quem elle chamava a «Perigosa» e pedio em seu auxilio as muzas de todos os poetas e poetisas de seu conhecimento para o ajudarem a desenvolver este galanteio de apaixonado.

Não s'espera outro remedio
De quem vio a perigosa
Se não vida duvidosa.

O que sobre o assumpto descretearam os auxiliares masculinos, não presta sabel-o; outro tanto não acontece com as opiniões que deram D. Joanna de Mendonça, e D. Maria de Bobadilha, consultadas sobre este caso da «Perigosa:»

D. Joanna de Mendonça, disse:

Por acudir ao rifão
Não sei cousa que não faça,
Até confessar na praça
Todo o que nelle vos dão.
E parece-me rasão
Que pois sois tão perigosa
Não sejais despiedosa.

Se esta conselheira não andava feita com D. Diogo para desencaminhar a «Perigosa» então não ha verdade nas cartas.

O parecer de D. Maria de Bobadilha foi:

Isto não m'o agradeçais.
Porqu'isto vos hão d'achar;
Que o que mais vos louvar,
Vos fica devendo mais.
Nem queiraes outros signais
De serdes tão perigosa.
Se não serdes tão formosa.

Depois d'estes senhoris requebros, insuspeitos por serem de damas para dama, o que não é vulgar hoje nas salas, nem me parece que o fosse tambem ha quatro seculos atraz, perco o animo para citar as trovas que no «Cancioneiro» vem incluidas debaixo da rubrica de: *Ajuda das donzellas á senhora D. Filippa*, em que se não falla d'amores, nem em coisa que com amores se pareça, (d) antes de comes e bebes se trata, dando as taes donzellas mais ares de copeiras e fiandeiras da casa de gente nobre, que de trovistas dignas de serem requestadas pelos escravos brancos, que Castilho nos pintou como os verdadeiros amadores do sexo, e da época.

Antes de um outro torneio poetico provocado por Francisco da Silveira, (e) em que diversas damas entram a discursar sobre o thema favorito de então, diz elle:

Faz-me muito receiar
De servir uma donzella
Vêr muita gente queixár
Sempre della.

Encontra-se no «Cancioneiro» uma cantiga de D. Mecia Henriques que, por indecifravel, com relacção ao viver da época, não tentarei explicar, contentando-me em deixar fallar outra vez D. Filippa d'Almada, que é sempre quem rompe a marcha nas occasiões de apuro, dizendo como ampliação á duvida do caudelmór, Francisco da Silveira:

Formosa dama servir
Receio deve fazer,
Mas mais se deve sentir.
Por ella se não perder
Nem se poder negar,
Em Portugal e Castella,
Ou perder é mór folgar
Por tal donzella.

opinião sustentada por outras poetizas, que accudiram a terreno, intimando o perguntador a *perder ou morrer por ella*, isto é, a deixar-se levar pela mulher de quem elle accusava a inconstancia!

Bem rasão tinha em Castilho dizer que o amor n'aquella edade era uma especie de idolatria, uma applicação da theologica ascetica ao profano; por que só assim um amador desconfiado, consentiria em acceitar leis de um areopago feminino, tão contra os dictames da propria consciencia, senão tambem da propria dignidade.

Não se pense porém que houve unanimidade de votos na sentença que entregou o Caudel-Mór algemado de pés e mãos aos rigores da vibora que o mordia. D. Izabel Pereira, e Maria Jacome, representam a opposição n'este congresso. A primeira não é de meias medidas e diz:

Esta parte heis de tomar:
Que a galante donzella
O mais forte *he ousar*
*De cometel-a.*

A outra mais discreta, e mais timida dá assim o seu voto:

Qu'ei dó de-vos ver matar
A esta crua donzella,
E por isso o *affastar*
E' melhor d'ella.

Estas arbitragens em questões amorosas, com tanto assucar temperadas, são o reverso da vulgar desenvoltura de lingua que tinham os fidalgos da epoca, mesmo com o bello sexo, e que eu podia provar, se não tivesse vergonha na cara, com dois unicos exemplos, que nem me atrevo a citar, para que a curiosidade feminina não vá, por indicação minha, dar com elles no «Cancioneiro» d'onde me furto por decencia a transportal-os para aqui.

Estive tentado a reproduzir para este logar o figurino de um galã dos tempos de D. João II, copiado d'umas coplas de Fernão da Silveira, um dos melhores trovadores do «Cancioneiro» em que elle enumera as prendas dos peraltas do Seculo XV, taes como *jogar a malha, o pião, a cunca e o fitilho*, jogos que hoje pertencem á fiscalisação da policia civil!

E' verdade que *montar bem a cavallo em toda a sella*, jogar bem a barra e luctar, eram predicados que, juntos á *manha de trovar*, completavam um gentil cavalleiro, como foram quasi todos os que contribuiram para avolumar o «Cancioneiro» de Rezende, distinguindo-se entre elles Ayres Telles de Menezes, amigo particular de D. João II. (f)

Antes de fechar este artigo vou dar conta de alguns aphorismos e conselhos que encontrei dispersos pelo «Cancioneiro» e podem aproveitar ás minhas contemporaneas.

Fernão da Silveira, dando instrucções a um sobrinho seu sobre o modo porque devia portar-se para ser bem visto no paço, diz-lhe entre outras cousas:

Tambem vos quero avisar
Não vades como patau,
Se ventura no sarau
Com damas vos fez topar.

O moralista D. João Manuel, filho natural do bispo da Guarda, e um dos melhores poetas de seu tempo, deixou-nos estes conselhos:

Nem cavalgarás em potro
*Nem tua mulher gabes a outro.*

e dá a rasão, que me parece acceitavel:

Assim lograrás ter cans
Com tuas queixadas sans.

Quem tão avisado fallava, tinha tambem bem rasão, dizendo:

Não vi nunca grande agudo
Que não toque na doudice,
*Nem no mundo mór pequice*
*Que casar com mulher feia;*
Nem homem que pouco leia
Que seja mui singular.

e mais adiante:

(d) As poetizas que entraram n'este torneio poetico foram: Maria de Sousa - Leonor Moniz—Maria da Cunha—Joanna Ferreira—Joanna Henriques—e Isabel da Silva.

(e) Francisco da Silveira, foi filho de Fernão da Silveira, e como elle cavalleiro da Ordem de Christo, e Caudel-Mór do reino Militou com grandes creditos nos Estados da India, onde foi Capitão-Mor das fortalezas de Chaul e Dio. Foi principalmente poeta satyrico, e n'esta qualidade de um notavel desabrimento. Vide «Ensaio Biographico Critico» de J. M. da Costa e Silva.

(f) Ayres Telles de Menezes foi filho de Fernão Telles de Menezes, Mordomo Mór da rainha D. Leonor. Foi particularmente bemquisto de D. João II, a cuja morte assistiu em Alvor, abandonando em seguida o mundo para tomar o habito da Ordem Seraphica de S. Francisco, no convento da Arrabida. O editor da colleção de Poesias Ineditas, que foram publicadas em 1792, quer-lhe attribuir a gloria de haver sido o introductor dos metros italianos em Portugal, de preferencia a Francisco da Sá de Miranda.

Costa e Silva nega a authelicidade das poesias attribuidas em 1792 a Ayres Telles de Menezes, com plausiveis argumentos, reconhecendo-o apenas como auctor das que em seu nome veem publicadas no «Cancioneiro Geral.»

ACABEMOS COM ISTO!

Nem homem de pouca vista
Que isto queira confessar;
Nem dama muito chilrar
Que regeite os servidores.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Nem viver mais dasgraçado
*Que quem tem mulher garrida.*

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

*Nem visitar o bom frade*
*As donas sempre,* da Villa.

No «Cancioneiro» vem tambem este lembrete, que serve para as mulheres feias:

Tomai ora este conselho
Em que seja de homem moço
Lançai-vos antes n'um poço
Que curardes mais de espelho.

Ignoro se as mulheres do seculo XV, avesadas aos requebros dos seus *servidores*, prestavam ouvidos ás picuinhas dos que o não eram, principalmente á tunda monumental que lhes deu Jorge d'Aguiar em uma desapiedada satyra. E' de crêr que as contemporaneas do poeta o ouvissem com o mais profundo desdem, negando-lhe até a honra de uma replica, em nome do sexo, enxovalhado por elle, replica que ellas tinham muito a quem encommendar se o quizessem, já que não tinham forças para a si proprias se despicarem da affronta.

Em conclusão direi, porque de alguma forma hei-de a concluir, que Garcia de Rezende teria andado mais avisado do que andou, fechando as portas do seu «Cancioneiro» ao bello sexo, deixando-lhe intacta a gloria da pedra de amolar de Horacio, que, como todas as pedras de amolar, não cortam *mas afiam.* Foi isso o que fizeram as mulheres que inspiravam as muzas alheias, deixando as proprias morrer á mingua de alimentação sádia, e apropriada ás suas delicadas compleições.

L. A. PALMEIRIM.

# OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 38)

## IV

### A governante

A criada correu logo á janella, olhou para a rua e voltando-se immediatamente para dentro de casa fez signal que se calassem, aos dois, que ficaram immoveis, ao lado um do outro, muito pallidos.

D'alli a nada bateram á porta.

A velha recuou um passo da vidraça, e muito habilmente, com o grande instincto de comediante que a natureza deu a todas as mulheres, mesmo ás mais simplorias, só abriu a janella passado o tempo necessario para quem batesse á porta julgar que ella viera lá de dentro, vagarosamente, arrastando o seu rheumatismo.

—Quem é? perguntou logo.

E, depois fazendo-se muito admirada, accrescentou n'um tom cheio de convicção:

—Ah! é outra vez o senhor?

—Ainda não veio, perguntou da rua uma voz que fez estremecer o Fonseca e a sua amante.

—Quem? perguntou arrastadamente a velha, ganhando tempo para arranjar as suas respostas.

—O sr. Fonseca, tornou da rua a tal voz...

—O sr. Fonseca?... Não o encontrou?..

—Fui á Estrella, não estava lá; passei agora pelo escriptorio e disseram-me que tinha vindo n'um trem para casa.

—Idiotas! murmurou o Fonseca fazendo-se vermelho.

—Para casa? repetiu a velha simulando grande admiração.

—Ainda cá não chegou? perguntou com certa impaciencia o homem que se apeiara do trem.

—Não senhor! respondeu a criada depois de curta hesitação.

—Então, abra-me a porta para eu esperar por elle.

—E' que eu não posso descer a escada... tornou a velha repetindo o mesmo pretexto...

—Bom, esperarei aqui, decidiu o homem que batera á porta, mettendo-se outra vez dentro do trem, resolvido a esperar ali que o Fonseca viesse.

—Como queira, disse a velha.

E fechou a janella.

O Fonseca e Antonia olharam-se sobresaltados, inquietos.

—E agora? disse finalmente Antonia.

—Eu sei lá, respondeu desanimado o Fonseca, sem saber que azer, que expediente adoptar.

—E' preciso tomar qualquer resolução, aconselhou a velha; elle está disposto a esperar e é capaz de não se tirar da porta todo o dia.

—O melhor é ires tu fallar-lhe, disse Antonia.

—Eu? tornou admirado o Fonseca, fazendo-se ainda mais pallido, tremendo á idéa de se encontrar cara á cara com aquelle que tão vilmente atraiçoara.

—O que? Tens medo! perguntou com profundo desdem a Antonia.

—Medo! repetiu Fonseca fazendo-se vermelho áquella chicotada que lhe vibrara sua amante. Não tenho medo, mas é que não sei o que lhe heide dizer.

—Ora essa!

—Sim, primeiro não sei se elle sabe ou não.

—Não sabe com certeza, repetiu Antonia, se soubesse não viria ter comtigo a tua casa...

—Mas então o que me quererá elle?

—Naturalmente vem contarte tudo o que se passou, vem aconselhar-se comtigo, que és o seu amigo mais intimo.

E Antonia accentuou, com um sorriso diabolico de perfidia, as suas palavras.

—Mas eu não tenho cara de fallar com elle, por isso mesmo.

—Agora é que te chegaram os escrupulos, hein? Acho-te immensa graça, respondeu-lhe a amante com um grande bom senso senão com uma indignação muito justa.

Porque no fim de tudo o Fonseca não fôra puramente um seductor; coubera-lhe muito mais o papel de seduzido: O que não tivera porém fôra capa para ser José do Egypto.

—Não são escrupulos, desculpou-se o Fonseca, mas é que realmente a minha situação para com teu marido é extremamente difficil.

—Não me parece, pelo contrario acho-a excellente.

—Excellente? ora essa!

—Excellente sim, se tu souberes tirar d'ella todo o partido que tiraria um homem esperto.

Fonseca olhou-a muito admirado, sem comprehender o que ella queria dizer, e Antonia continuou, desenvolvendo claramente o seu plano.

—E' evidente que o Luiz não sabe que eras tu o homem que hontem estava no meu quarto: vem aqui para te contar toda a scena, para pedir o conselho da tua amisade. Tu ouvel-o, fazelhe bastantes perguntas, primeiro para affastar de ti a mais ligeira sombra de suspeita, e depois para ficarmos sabendo bem tudo o que elle sabe, e tudo o que tenciona fazer...

—O que tencionará elle? perguntou o Fonseca assustado.

—E' exactamente n'isso que a tua situação, essa situação que acho difficil, nos pode servir de muito, nos pode salvar a ambos.

—Mas como?

—D'um modo muito simples: aconselhando-lhe tudo o que fôr melhor para nós.

—O que? a fazer as pazes comtigo? perguntou o Fonseca brutalmente, sem pensar um momento em esconder que o que achava de melhor para elle era Antonia voltar para seu marido outra vez, o ver-se livre d'aquelle encargo para toda a sua vida.

Antonia comprehendeu-o e disse-lhe profundamente despeitada, ferida em toda a sua vaidade de mulher, em todo o seu amor de amante:

—Se achas que isso é o melhor para ti, escusas de o aconselhar, ha muitos conventos para onde eu posso ir.

E depois accrescentou em voz mais baixa, com um rancor mal contido:

—Não faltam conventos nem homens!

A criada, a velha, ouviu-lhe esta phrase e deitou-lhe um olhar indignado.

—Não é isso que eu digo, minha filha, emendou o Fonseca, comprehendendo a sua má creação; percebeste mal as minhas palavras.

—Talvez, disse Antonia desdenhosamente.

—Mas em summa o que te parece que eu devo aconselhar a teu marido?

—O que quizeres, tornou ella seccamente.

—Pelo amor de Deus, menina, que elle está ali, e não temos tempo para estas scenas.

—Sim, sim, deixem-se de pieguices, aconselhou a criada, e aviem-se; o que é necessario é tomar depressa qualquer resolução.

—Tem rasão, disse por fim Antonia, convencendo-se do bom senso da velha; vá a senhora abrir a porta, desculpe como lhe parecer a demora...

—Sim, sim, deixe isso por minha conta, o meu rheumatismo desculpa tudo.

—Mande-o entrar para a sala e entretanto eu combino com o senhor, antes de elle lhe apparecer.

E Antonia e o seu amante retiraram-se devagarinho para o quarto do Fonseca, emquanto a velha, descendo rapidamente a escada, abria a porta fingindo-se muito cançada e dizia ao marido de Antonia, que estava dentro do trem:

—Vossa senhoria queira desculpar a demora, mas eu não me posso mecher, isto em a gente chegando a velha...

O Luiz apeiou-se do trem, e entrando na escada perguntou:
—Então, está cá o sr. Fonseca?
—Não senhor, mas v. s.ª espera um bocadinho, na sala, que é melhor do que estar aqui á porta, disse amavelmente a velha com uma bonhomia de metter a gente no coração.

*(Continua).*

GERVASIO LOBATO.

# AS NOSSAS GRAVURAS

O GENERAL D. PORFIRIO DIAZ

Rege pela segunda vez os destinos do seu paiz o benemerito general D. Porfirio Diaz.

Estrenuo defensor das liberdades patrias, verdadeiro heroe da independencia mexicana, a sua carreira militar foi uma brilhante serie de triumphos, de gloriosos feitos de armas, e de rasgos generosos, que os seus compatriotas não esquecem e que a historia ha de registrar e enaltecer.

Como presidente constitucional da Republica, não são mais limitados, nem de somenos valor os relevantes serviços prestados por D. Porfirio Diaz.

Ao seu inexcedivel zelo e poderosa iniciativa deve o Mexico a paz que disfructa, a consideração em que é tido na Europa, e a maior parte dos grandes melhoramentos que, em tão curto espaço de tempo, o fizeram passar d'um estacionamento atrophiador ao estado florescente em que actualmente se encontra.

Não será certamente este o ultimo periodo em que os seus concidadãos o elevem á suprema magistratura da Republica, porque a gratidão é sentimento innato no heroico povo mexicano.

D. C.

COMO AS CHINEZAS SE DIVERTEM

Qualquer coisa lhes serve de distracção Umas vezes, tomam chá por taças microscopicas, deliciando-se com o aroma inebriante da bebida; outras, fumam opio, recreiando-se na contemplação das espiraes de fumo caprichosas, que se evolam do cachimbo.

Condemnadas a uma quasi immobilidade, pela deformação obrigatoria dos pés, tornam-se indolentes e inaptas para os serviços do *ménage*. E' por isso que as vemos recorrer a brinquedos infantis, como aquelle que a nossa gravura representa, e que são um testemunho eloquente da sua ociosidade.

ACABEMOS COM ISTO!

Adivinham-se longos dias de martyrio n'aquellas faces maceradas, noites incommensuraveis de soffrimento na tristeza profunda e negra que ensombra aquelle rosto.

Amou talvez, amou delirantemente, e pagaram-lhe o affecto com a mais negra das ingratidões, com o mais cruel dos abandonos.

Emquanto teve forças para luctar, luctou; mas um dia, veio o desespero, o desalento, e não poude mais.—Acabemos com isto! disse a desventurada, e a brevissima phrase que se lhe escapou dos labios resequidos pela febre, foi a sua sentença de morte. Com mão tremula, esvaseou n'um copo um frasco de veneno, e sem hesitações, sem penas, sem saudades, ingerio placidamente o toxico fatal.

D'ali a pouco era arremessada por mãos brutaes para a vala rasa do cemiterio, e ninguem tinha uma lagrima para chorar por ella, ninguem se condoía do seu enorme infortunio!

O ESTIO

Ha calor, movimento e vida n'este quadro. Contemplando-o, afigura-se-nos que o sol dardeja a prumo, diante de nós, n'um valle delicioso, e que aquellas figuras campezinas se movem sobre a relva, á beira do limpido regato.

O artista, reproduzindo a Natureza com mão experimentada, soube dar relevo á paizagem, tons alegres ao arvoredo, animação e vida ao rebanho que se apascenta. Sente-se o calor do estio pairando sobre toda aquella verdura. E' o verão radioso que esplende, illuminando com jorros de luz a folhagem dos platanos gigantes.

THEATRO BAQUET, NO PORTO

A primeira pedra d'este theatro, cuja planta geral foi traçada pelo sr. Pereira Baquet, lançou-se a 22 de fevereiro de 1859, terminando as obras a 13 de egual mez do anno seguinte.

A 1.ª ordem de camarotes fica ao nivel da rua; e á sala do espectaculo, muito elegante e adornada com bom gosto, desce-se por duas escadas lateraes.

Do centro do tecto pende um magnifico lustre, que, reflectindo grande copia de lumes nos crystaes que o guarnecem, a illuminam largamente, tornando-a sobremaneira vistosa.

Tem 82 camarotes distribuidos em 3 ordens. Na frente dos da segunda lêem-se os nomes de grande numero de dramaturgos, tanto estrangeiros como nacionaes, e de alguns *maestros*.

Pouco superior ao plano da sala está lançada uma espaçosa galeria, que muito concorre para lhe realçar a belleza.

A fachada, cuja planta é do sr. Guilherme Corrêa, ainda que de architectura simples, tem um aspecto agradavel, sendo coroada por uma varanda de pedra, sobre a qual assentam quatro estatuas, representando a Pintura, a Musica, a Comedia e as Artes.

O theatro Baquet está situado na rua de Santo Antonio.

# NO CALVARIO

Maria, com seus olhos maguados,
Ceus espirituaes, lavava em pranto
As largas Chagas de Jesus, emquanto
Ria ao pé um dos tres crucificados.

Semblantes de mulher mortificados
Escondiam a dôr no casto manto;
Uma mulher de Hennon chorava a um canto,
Jogavam sobre a tunica os soldados.

Martha, os pingos de sangue, alva açucena,
Dir-se-ia no bom seio recolhel-os;
Alguns riam, brutaes, d'aquella pena!...

Salomé tinha um mar nos olhos bellos;
João fitava a cruz... Mas Magdalena
Limpava a Christo os pés com seus cabellos!

GOMES LEAL.

# EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

## Charadas

NOVISSIMAS

Este homem e aquelle foram passeiar com est'outro —2—2.

IGNOTO.

Este animal na musica é uma concha—2—1.
Este adverbio ouve-se em S. Carlos e é medicinal—2—3.
Fóra d'aqui observou este refrigerio—2—2.
Esta nota no rosto é disfarce—1—2.

Brazil. EDUARDO R. LEITE.

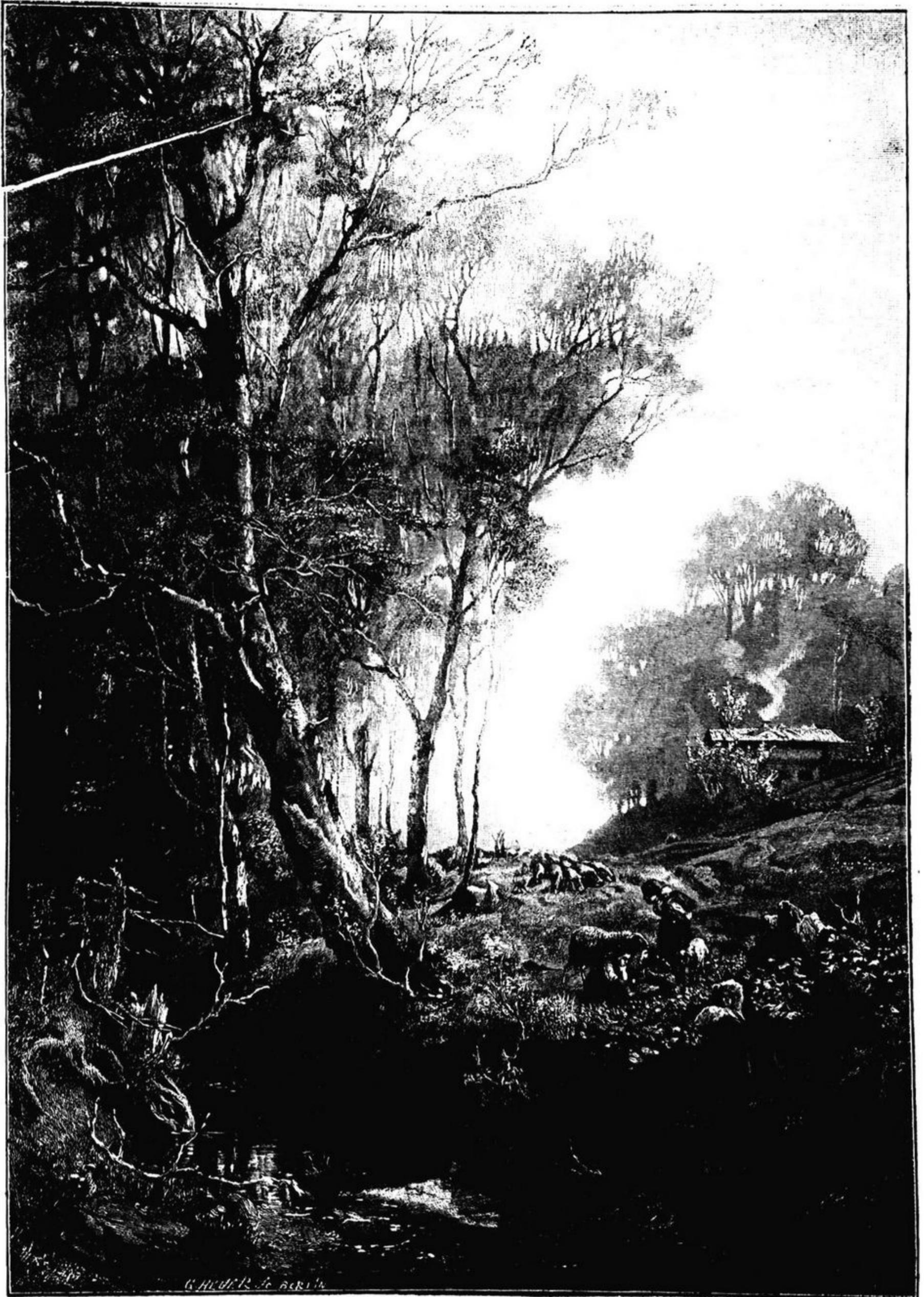
EM VERSO

De pau e de ferro sou,
Instrumento bem vulgar,
Nas officinas estou,
Tambem me vês no bilhar—2.

E' mui feliz e ditoso
Quem um tal nome tiver;—2
Póde ser bem prestimoso
Se a caridade exercer.

A esta facil charada
O conceito não faz falta;
P'ra melhor ser decifrada,
Direi que é ave pernalta.

Alcacer do Sal. GRAZINA.

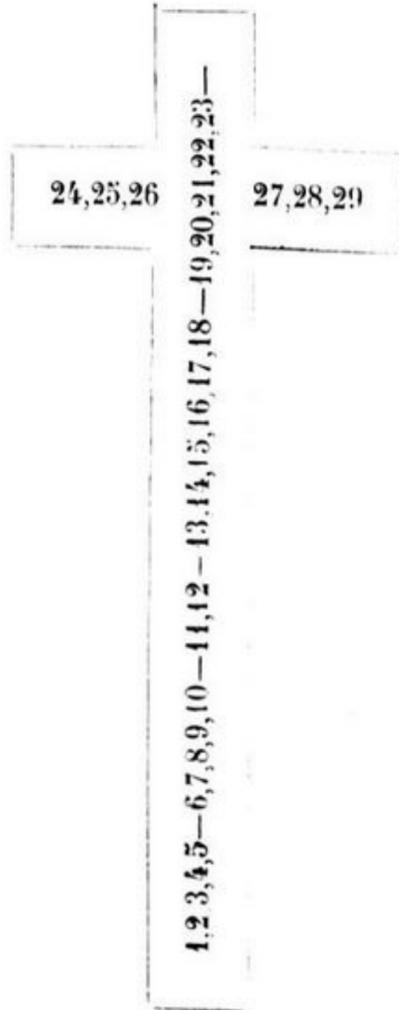
Eu nasço d'uma arvore
que ha lá no Brazil,
e que em vindo abril
me brota, virente;—2

O ESTIO

mas quando me vê
um homem vulpino,
diz que eu sou do sino
o toque plangente—2.

Porém, as creanças
não pensam assim,
pois tomam por mim
tamanho temor,
que ás vezes, sem eu
as mãos lhe chegar,
já estão a chorar
com grande furor.

Castello Branco. A. MERUJE.

---

CHARADA EM CRUZ

Substituir por letras alphabeticas os numeros de 1 a 29, e formar com ellas seis palavras, dispondo, sómente, para a sua formação, das syllabas seguintes:—dan—je—rou—de—gran—do—sus—to—es—gri—pi—um.

A letra correspondente ao numero 21 faz tambem parte da palavra que cruza.

As palavras estão divididas por um traço d'união.

Evora. A. J. N. SANTOS.

---

## Logogriphos

*(Por lettras)*

Por ser pequeno, não quiz 5—3—7—8
Ir ver a Patti no palco,—1—6—2—3—5
Com medo que o meu paiz—3—5—6—7—8
Me levante um catafalco—2—6—5
Com a caveira; não quiz!—8—4—1—8

Agora, peço me diga
O leitor imparcial,
Se quando a cantora ouviu,
lá dentro em si não sentiu
uma coisa a esta egual?

Castello Branco. A. MERUJE.

---

(Ao eximio charadista José Pedro Xavier Rodrigão)

11, 5, 8, 6, 10, 11, 7, 10, 8 3— P —1, 2, 7, 4, 3, 8, 5, 10, 11, 12
2, 8, 1, 6, 3, 4, 1— L —3, 2, 7, 8, 1, 4, 9
1, 2, 8, 10, 3, 5— A —1, 8, 7, 10, 8, 3
6, 1, 4, 7— N —3, 8, 9
1, 6, 6, 10, 5— T —1, 6, 9, 6, 5
5, 8, 7, 2, 1, 9— A —2, 8. 1, 6, 3, 5
3, 6, 1. 11, 1, 6, 3, 2, 5— S —4, 5, 6, 1, 4, 7, 10, 8, 9

Se nas plantas
Procurar;
Meu conceito
Ha de achar.

A. AMOR DE MELLO.

---

## Carta enigmatica

Minha querida 7, 6, 3, 4, 3, 9

Em primeiro logar como vae a tua saude e a da tua 6, 7, 8, 3, 8, 9? Certamente vão boas.

Rogo-te o favor de me mandares o 2, 5, 6, 7, 6 com a 6, 9, 4, 9, mas que tenha a 6, 5, 4, 9 arranjada.

Encontrei ha dias a 4, 3, 9; causou-me 1, 7, 8, 9 a rapariga, coitada! Manda-me dizer o 8, 5, 6, 7 do 6, 7, 8, 3, 8, 5 da prima 9, 6, 7, 4, 3, 9, pois quero mandal-o gravar n'um 9, 8, 8, 7, 4 que lhe vou offerecer.

Manda-me cá a 4, 5, 4, 9, para lhe dar uma lata de 6, 7, 4 que recebi da 3, 4, 2, 9.

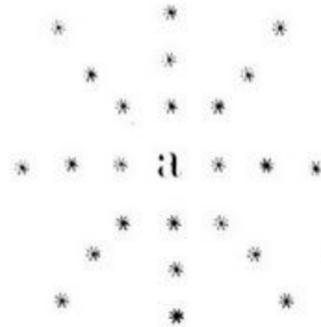
Não te querendo incommodar mais, dá recommendações ao 6, 7, 4, 4, 5 e dize-lhe que não torne mais a cahir na 4, 9, 6, 9.

Tua amiga
1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9

SERAPIÃO FALLAMUITO.

---

## Enigma

*   *   *
*  *  *
* * *
* * * a * * *
* * *
*  *  *
*   *   *

Formar quatro nomes proprios, masculinos.

SEVERINO MATTOS.

---

## Problema

Se n'uma escola se collocam 8 alumnos por banco, ficam os alumnos sem logar; pondo 9 em cada banco, ha dois logares vagos no ultimo banco. Pergunta-se o numero de alumnos e de bancos.

MORAES D'ALMEIDA.

---

## Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Centronoto—Charéo—Algaria—Arnabo.
DAS CHARADAS EM VERSO:—Salaminio—Semicolchéa—Paladar.
DOS LOGOGRIPHOS:—Correio da Beira—Adelaide.
DO PROBLEMA:—1132425.
DO ENIGMA:—Valentim Magalhães.

---

## EXPEDIENTE

A primeira pessoa que enviou decifração exacta do enigma posto a premio no numero 38 d'este semanario, foi o sr. Arnaldo Armando, de Lisboa.

---

## A RIR

Um sobrinho d'um velho muito rabujento mandou gravar no jazigo de seu tio o seguinte epitaphio:

«Aqui jaz F. Todos quantos o não conheciam hão de lamentar a sua morte.»

*

Calino conta que, andando á caça, esteve para ser victima do desastramento d'um amigo, que lhe desfechou a arma n'um hombro.

—Imaginem que a chumbada vinha bater um pouco mais abaixo! Já não teria, de certo, o prazer de lhes contar isto com vida!

*

EPITAPHIO D'UM DEPUTADO NÃO REELEITO

Il était de ce monde où les plus belles choses
Ont le pire destin,
Et rose, il a vécu ce que vivent les roses,
L'espace d'um scrutin.

## UM CONSELHO POR SEMANA

REMEDIO CONTRA AS DOENÇAS DE LARYNGE

Misturam-se sete grammas de salitre muito bem pulverisado com 84 grammas de mel puro e um pouco de vinagre. Mexe-se tudo, durante alguns segundos, e emprega-se depois a mistura, em gargarejos, umas poucas de vezes ao dia.

Garantimos a efficacia do remedio.

# A VINGANÇA D'UMA VELHA

(IMITAÇÃO DO HESPANHOL)

Sebastião Tirapé era homem de quarenta e cinco annos, baixo, gordo, cara rechonchuda, picada das bexigas, olhos verdes, pequeninos, irrequietos, que fitavam com certa malicia as pessoas que o encaravam; e por sobre estes defeitos physicos, o moral tambem não era dos melhores, porque além de borrachão, gostava de intrigas e questões, e possuia no mais alto grau o repulsivo peccado da avareza.

A sua ambição pelo dinheiro não tinha limites, e pelo tyranno do mundo seria capaz de praticar qualquer acção menos limpa.

Em contraposição, sua mulher, a elegante Mathilde, era uma boa rapariga de vinte annos, branca, corada, de formas desenvolvidas e tentadoras, obediente a seu marido, bem comportada, amiga dos pobres, muito séria e honesta, e incansavel em ajudar em tudo o homem de quem usava o nome.

Aquelle casamento não tinha sido de amor. Sebastião conhecia de ha muito a familia de Mathilde, a qual, orphã de pae e mãe, acceitára para esposo aquelle mono, que apesar de tudo era homem trabalhador e capaz de a amparar e zelar-lhe os seus modestos haveres.

Casou-se indifferentemente, sem alegria, sem gosto, sem enthusiasmo, assim como quem se arrima contra um marco rustico para não cahir.

Mathilde tinha poucos haveres, algumas geiras de terra mal amanhadas, um pomar, um moinho sem vellas, duas casitas modestas, algum ouro e muito arranjo e sentimento economico, que é, na mulher, um bem como qualquer outro. Ella contentava-se com o seu modesto modo de vida e a fortuna humilde de que dispunha, mas Sebastião, apesar de borracho, tinha idéas mais altas e vistas mais ambiciosas.

O seu pensamento fixava-se presistente e avaro na velha tia e madrinha de sua mulher, tia que elle nunca vira, mas que por tradição sabia que era senhora de setenta annos, ética, e possuidora de vinte contos em inscripções, e propriedades sem herdeiros, e com uma amizade louca pela afilhada, que creara de pequenina.

Havia dois annos que era casado, e por mais d'uma vez a visita d'aquelle thesouro humano á sua casa fora desmanchada pela pertinaz doença que minava a vida da septegenaria senhora.

Mathilde continuava a ajudar o marido, pespontando á machina, palminhando, pregando botões e observando a impressão que a sua cutis assetinada e rosea, os seus dentes de marfim e as suas formas arredondadas e guapas causavam no espirito do Felix, contra-mestre e unico official de seu marido, que depositara n'elle inteira confiança.

O Felix era um rapagão de vinte seis annos, alto, corado, bigode e olhos negros, delicado de maneiras e herculeo de membros, capaz de tentar uma Magdalena quanto mais a esposa ingenua e sensivel de Sebastião Tirapé.

O rapaz porém guardava á ama um respeito profundo, uma como que adoração mystica, e apesar de não se esquecer de lhe fitar, quando ella trabalhava á machina, os pequeninos pés elegantemente calçados n'uns sapatinhos de pellica cor de ouro, de salto alto e tão decotados que deixavam ver bem a meia fina d'uma alvura de neve, o seu modo fôra sempre o mais cortez e reservado possivel.

Mathilde sentia-se abrasar por aquelle rapaz tão limpo e loução, muito mais quando o marido, a cahir de bebado, com os labios pegajosos, o nariz arroxado e as covas das bexigas mais profundas dando-lhe ao rosto a apparencia d'um rabanete enorme roido pelos ratos, fazia no seu cerebro terrivel contraste com a cutis clara e lisa do Felix, os seus labios vermelhos, dentes muito brancos e cabello cuidadosamente tratado.

As cousas porém não passavam d'estas mudas e reciprocas apreciações, quando o acaso, que tudo resolve, quiz que um dia ninguem soubesse onde paravam as botas concertadas d'uma das melhores freguezas da casa, até que a Mathilde lembrou-se de que talvez o marido as tivesse atirado para o armario feito debaixo da montra, onde se guardara o couro e a massa...

Felix e Mathilde correram ao armario, como que impellidos pelo mesmo sentimento, e de bruços, com os corpos meios entrados no escuro recinto onde cheirava a sola e caroulo que entontecia, começaram a procurar.

Por mais d'uma vez as mãos dos dois se encontraram, e aos primeiros encontros retiraram-n'as rapidos, como se os tivesse tocado uma corrente magnetica, mas logo volviam á faina, e procuravam novo toque em vez de procurarem as botas.

A escuridão é animadora para o amor, e elles acabaram por estreitarem mutuamente as irrequietas phalanges, depois as faces, depois os labios, e ainda hoje se estariam beijando se o ruido dos passos soantes e pesados do mestre Sebastião os não viesse chamar á realidade.

As botas foram encontradas, e antes do mestre entrar na loja, já o Felix batia com toda a força a sola para as botas do juiz de paz da freguezia, e Mathilde punha nova agulha na machina, pois tinha partido a antecedente com um movimento desencontrado.

A este tempo o correio entrava na loja, e entregava uma carta a Mathide, que ella leu, dando mostras de grande contentamento e passando-a ás mãos do marido.

—Ora, graças a Deus que essa senhora se resolveu de vez, exclamou o Sebastião limpando á manga da camisa o canto do olho direito, que de continuo lhe distillava lagrimas alcooicas.

Effectivamente, a muito respeitavel senhora D. Ignacia Paulina da Purificação e Pina, achando-se melhor dos seus achaques, annunciava á sua sobrinha e afilhada, qne no dia seguinte o mais tardar, ao bater das onze, devia apresentar-se na sua casa, onde se hospedaria por alguns tempos.

Mathilde alegrou-se, e Sebastião, mais alegre ainda, accendeu um cigarro, poz o bonet, e entrou no botequim visinho, onde entre dois copos de canna branca, contou a diversos amigos e conhecidos algumas das suas partidas de rapaz, e entre ellas a seguinte, acontecida um anno antes do seu consorcio com Mathilde, e que, apesar de parecer futil, teve uma grande influencia nos destinos d'elle, de sua mulher e do seu contra-mestre.

Foi o caso, que indo elle com alguns amigos assistir a um arraial n'uma aldeia ou villa proxima de Coimbra, n'elle encontrou uma senhora muito velha e presumida, que não cessava de affagar um pequeno cão fraldiqueiro, a quem chamava *Nini*, além de filho, menino, joia, e não sabemos se tambem esposo.

Ia deitar-se ao ar um enorme balão feito por todos os rapazes da terra, aereostato collossal, de grande força, capaz de desbancar o proprio balão dos irmãos Montgolfier, e que devia levar pendurado um boneco de palha vestido de sachristão.

O povo apinhava-se em torno da fogueira, cujo fumo aquecia o ar da aerea machina, e a senhora velha, sem largar o seu *Nini*, conseguira collocar-se na primeira fila. Sebastião estava a seu lado, conversando alegremente, ao passo que ruminava na mente uma surpresa diabolica.

O rafeiro tinha pendente da colleira um cordão azul com argola na extremidade, e o trapezio do balão um gancho para pendurar pelo pescoço o improvisado sachrista de palha.

Sebastião e a velha, cada vez estavam mais apertados pela multidão, e o *Nini* latia desaforadamente, vendo inchar o balão.

O esposo de Mathilde, conhecendo que a senhora já mal podia segurar o totó nos seus debeis braços, offereceu-se para lh'o suster, o que ella acceitou reconhecida.

Já o balão começava a querer elevar-se nos ares, e a multidão soltava gritos de jubilo, quando se reconheceu que o sachristão fôra meio devorado pelo faminto cavallo da carroça onde viera o aereostato.

Grande balburdia, indignação do povo e dos constructores do boneco, que demais a mais tinha uma cara parecida, segundo diziam, com a do verdadeiro sachristão da freguezia; mas o tempo voava, o ar dentro do balão cada vez era mais leve, e sustel-o mais seria expol-o a rasgar-se em mil pedaços.

O Sebastião aproximou-se da machina, e no momento em que todos iam largar o balão, engatou a argola do cordão do *Nini* no gancho do trapezio, e a machina elevou-se d'um pulo enorme, descommunal, levando o misero cão, que agitava as pernas convulsivamente.

A desgraçada senhora, ao ver o seu *Nini* fazendo gymnastica a trezentos metros de altura do solo, elevou as mãos para o ceu n'uma sublime attitude dramatica, e soltando um grito, desmaiou theatralmente nos braços de dois alambasados camponios, que de bocca aberta e olhos pasmados, contemplavam a subida magestosa da formidavel machina.

O povo applaudio a graça, mas vendo desmaiada a dona do cão e sabendo ao certo a historia, procurou indignado o auctor da brincadeira, que já se havia escapulido prudentemente.

Sebastião contava isto ás gargalhadas, e de copo em punho,

imitava a scena da velha abrindo os braços e desmaiando, o que não deixava de ter graça, mercê o seu rosto original e comico.

Voltando porém ao fio interrompido da nossa historia, diremos que no dia seguinte ao da recepção da carta da tia de Mathilde, o nosso Sebastião Tirapé, logo pela manhã muito cedo, fez a barba, penteiou-se, vestiu camisa lavada, engraixou as botas, poz gravata ao pescoço, e mandou lavar os vidros dos armarios do estabelecimento.

Mathilde tambem se apresentou mais garrida, de bata azul ferrete com rendas pretas, sapatinho de laço, meias bordadas, anneis, e os louros cabellos cuidadosamente frisados.

Felix quando a viu sentiu o sangue refluir-lhe ao coração, e até rebentou o tirapé.

A's onze e um quarto ainda a tia rica não apparecia; o Felix fôra comprar fio, a Mathilde pregava uns laços de setim branco n'uns sapatos de noivado, e o Sebastião, de mãos nas algibeiras, esperava impaciente a chegada d'aquelles vinte cinco contos de réis em pelle e osso.

Finalmente, ás doze menos oito minutos parou á porta do estabelecimento um trem de aluguer, trazendo sob as pernas do cocheiro uma mala e dois saccos de viagem.

—sim senhor, tens um marido que é um gosto vêl-o. Que edade tem?

—Vinte e seis annos, respondeu o Felix meneando entre os dedos o seu novello de fio.

—Caspité! Que bella edade! e a boa senhora abraçou o Felix.

—Com licença, tia, exclamou a Mathilde levantando-se:

—Vae filha, vae, que o teu marido me fará companhia

A Mathilde subiu ao primeiro andar e encontrou o Sebastião encostado á cama, muito pallido e atrapalhado.

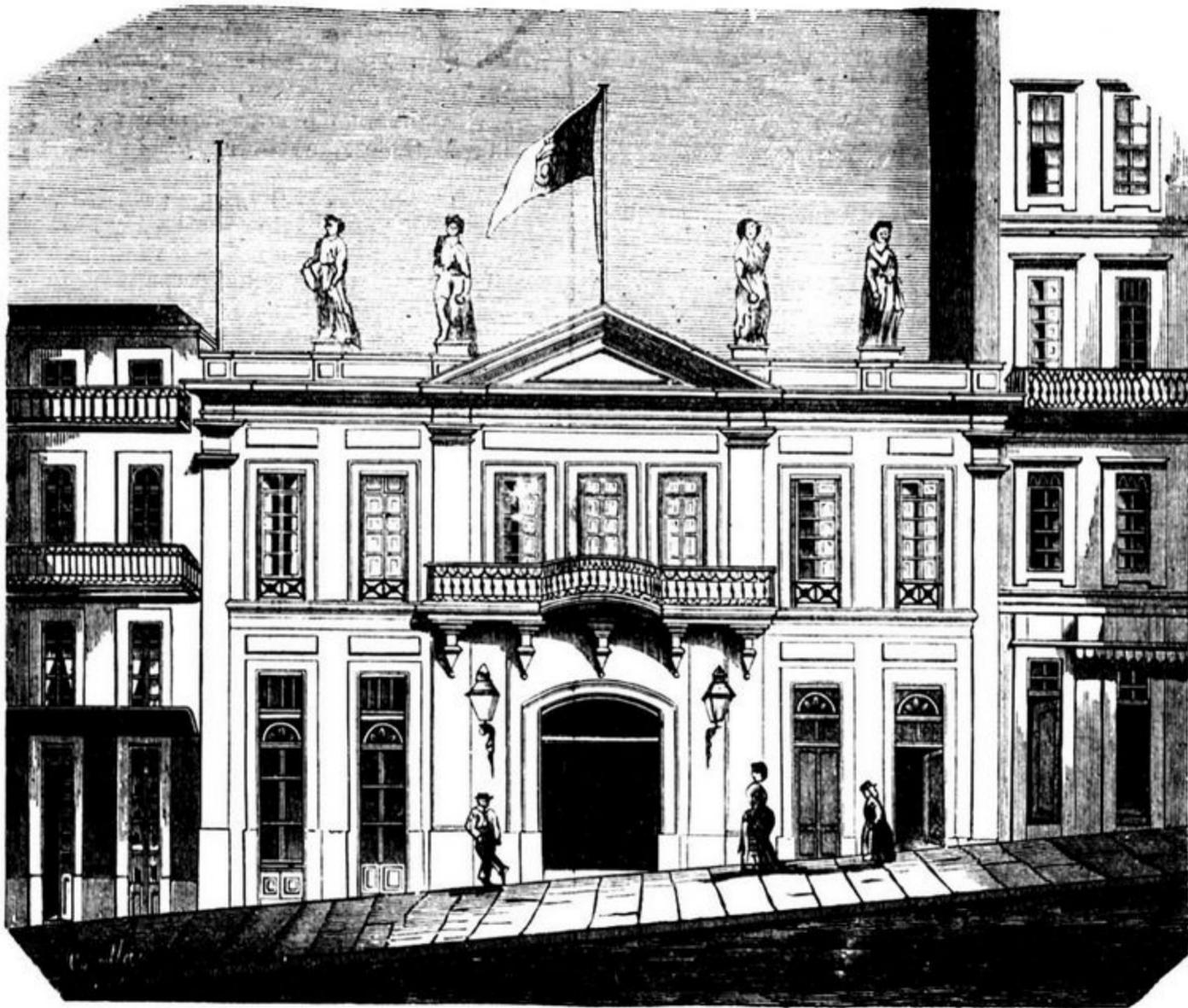
—Que tens tu, homem de Deus? Está lá em baixo a tia, e já tomou o Felix por meu marido; o pobre rapaz, timido como é, não sabe o que ha de responder. Vamos, desce, vae desfazer o engano.

—Descer! Isso nunca, exclamou o Sebastião arrebatadamente.

—Que dizes? tu estás doido?!...

—Não estou doido, não. O Felix deve ser o teu marido, para tua tia, entende-se...

—Tu bebeste de mais. Maldito vicio!

—Pensas que estou bebado?

THEATRO BAQUET, NO PORTO

Mathilde correu a abrir a porta do trem, gritando:—Adeus madrinha, como está? então, finalmente?—ao passo que ajudava a descer do estribo uma senhora muito edosa, plenamente embrulhada em capas de pelles e mantilhas, apesar de correr quente o mez de junho.

—A septegenaria entrou na loja pelo braço de Mathilde, e os seus olhinhos pardos, irrequietos e prescrutadores, apesar da edade, volviam-se em todas as direcções com uma volubilidade extraordinaria.

—Onde está teu marido? exclamou ella tomando uma pitada da sua magnifica caixa de ouro antigo com bellos esmaltes finissimos.

A Mathilde, imaginando que o esposo se tinha retirado por motivo de alguma urgente necessidade limitou-se a responder:

—Elle já vem.

Fallaram durante um bom quarto de hora sobre coisas de familia, até que o Felix, tendo comprado o fio, entrou na loja.

—Ora até que emfim o vejo, senhor meu sobrinho, exclamou a velhinha toda prasenteira; venha cá, dê-me um abraço.

—Mas... respondeu o pobre apaixonado de Mathilde, sem comprehender palavra.

—Qual mas, nem meio mas, dê-me um abraço, que a sua mulher não desconfia; e voltando-se para a Mathilde, accrescentou:

—Então o que hei-de eu pensar?

—Lembras-te d'aquella scena do cão, que foi pelos ares no arraial onde eu estive com os meus amigos?

—Sim, e depois, o que tem isso para a tolice que disseste?

—Tem tudo.

—Não te entendo

—E' que a dona do cão, a mulher que desmaiou quando viu o fraldiqueiro perneando nos ares, era essa velha tia que está lá em baixo na loja.

—Meu Deus, será possivel! exclamou Mathilde muito pallida. Talvez te enganasses!

—Não me enganei, não, é a mesma. Preciso que o Felix passe por teu marido, se não queres que haja aqui grande escandalo.

—Mas, Sebastião...

—Faze o que eu te digo. Sustenta o engano e manda o Felix cá acima.

*(Conclue).*

ALFREDO GALLIS.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa



TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA 35, LISBOA